

CHICO MENDES: A CONSTRUÇÃO FICCIONAL DE UMA PERSONAGEM HISTÓRICA

Aila Rodrigues Pantoja (UFAM)¹

Resumo: Neste artigo fazemos um breve esboço de como se deu a construção ficcional de uma personagem histórica: Chico Mendes, na minissérie *Amazônia, de Galvez a Chico Mendes*. Para isso utilizamos o livro *O empate contra Chico Mendes* (1990), de Márcio Souza, para apresentar o homem histórico Chico Mendes e a minissérie *Amazônia, de Galvez a Chico Mendes*, de Glória Perez (2007), para retratar a personagem do mundo ficcional.

Palavras-chave: Chico Mendes; personagem; minissérie e Amazônia.

A minissérie *Amazônia, de Galvez a Chico Mendes* (2007), de Glória Perez, retrata a história do Acre, última região a ser incorporada ao território brasileiro, em 1904. A obra apresenta a trajetória de três personalidades que marcaram a história da região: Luiz Galvez, espanhol que proclamou a independência do Acre, em 1899; Plácido de Castro, jovem militar do Rio Grande do Sul que liderou o movimento armado dos seringueiros contra os interesses da Bolívia e por fim, a personagem Chico Mendes que lutou pelos interesses dos seringueiros frente ao descaso do Estado para com estes e também pela causa da preservação da Amazônia. Para efeito desta pesquisa focarei na personagem Chico Mendes, que nos é apresentada na terceira fase da trama que inicia na década de 80.

Na terceira fase da minissérie nos é mostrada a trajetória do jovem sindicalista Chico Mendes, que lutou e deu voz aos seringueiros na Amazônia, na pequena cidade de Xapuri, no município do Acre. Francisco Alves Mendes da Silva, mundialmente conhecido como Chico Mendes, nasceu em 15 de dezembro de 1944, na cidade acreana de Xapuri. Exercendo a profissão de seringueiro, um ofício que aprendera ainda na infância com o pai, que era migrante cearense, Chico Mendes destacou-se como sindicalista e ativista político engajado com questões ligadas à preservação ambiental da Amazônia, pela não derrubada de árvores e preservação da floresta e por sua luta em defesa dos seringueiros. Por conta disso ganhou reconhecimento internacional, mas

¹ Mestranda em Letras, Estudos Literários, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL, da Universidade Federal do Amazonas, UFAM. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM (E-mail: ailarpantoja@hotmail.com)

também despertou a ira de grandes fazendeiros que exploravam as terras as quais ele queria ver preservadas.

No livro *O empate contra Chico Mendes*, de Márcio Souza, escrito em 1990, dois anos após o assassinato do sindicalista e líder seringueiro, temos um texto revelador no qual, em posse de relatos da viúva de Chico Mendes, Ilzamar Mendes, e amigos próximos, o ensaísta produz um retrato de quem foi este líder sindical tão representativo na história da Amazônia. Buscamos, neste artigo, demonstrar como ocorreu a recriação da personagem ficcional, Chico Mendes, a partir dos rastros históricos deixados pela personagem histórica.

Chico Mendes histórico (a narrativa histórica)

Chico Mendes, nasceu no Acre e exerceu a profissão de seringueiro. Em sua luta em defesa da floresta destacou-se como ativista e político ligado diretamente às causas de preservação ambiental da Amazônica.

Enfrentando corajosamente os fazendeiros, defendia a posse das terras pelos habitantes nativos. De acordo com Souza (1990), Chico Mendes ajudou a fundar, no ano de 1977, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri. Na militância política, foi eleito vereador pelo MDB (Movimento Democrático Brasileiro). E em 1980 participou da fundação do Partido dos Trabalhadores, tornando-se um dos mais proeminentes representantes desse partido no Acre. No ano seguinte, assumiu o comando do Sindicato de Xapuri, tendo presidido até o dia do seu assassinato.

Antes de ser assassinado, recebeu várias ameaças de morte por parte dos fazendeiros, que se sentiam prejudicados em seus negócios pela atuação do ambientalista, e pelas técnicas de empate, no qual havia a participação das comunidades cujas campanhas preservacionistas já eram conhecidas nacional e internacionalmente. Por conta desses acirramentos, foi enquadrado pela “Lei de Segurança Nacional”, uma insensatez política que demonstrava dois mundos desconexos presentes na Amazônia, sendo de um lado os grandes proprietários de terra, com a anuência do Estado, que tinham o desejo de lucrar derrubando a floresta e do outro lado as comunidades que dependiam da floresta para seu sustento e não desejavam perder seus sonhos, suas casas e seu lar. Acusado de subversivo, Chico Mendes foi preso e torturado na prisão.

Chico Mendes foi assassinado nas proximidades do natal de 1988, de forma sorrateira e covarde, típico de seus antagonistas, mais precisamente no dia 22 de dezembro, aos 44 anos. Quando saía de sua casa, pela porta dos fundos, para tomar banho, foi atingido no peito por tiros de escopeta e caiu morto ali mesmo. Os acusados pelo assassinato foram os fazendeiros Darly Alves e seu filho Darcy Alves.

Segundo Freire (2006), a morte do ambientalista despertou o interesse mundial pela causa dos seringueiros. Devido, em parte, à cobertura do assassinato pela mídia internacional. A Reserva Extrativista Chico Mendes foi criada na área onde ele morava. O legado deixado por esse líder seringueiro que ousou desafiar o poderio dos grandes latifundiários e está presente nas memórias daqueles que moram na região e retratados na literatura nacional e internacional. Afinal, um homem simples, com atitudes criativas e pacíficas, sem armas, ousou enfrentar pessoas influentes utilizando o único meio que dispunha, sua vida. Esse gesto de abraçar árvores foi tão significativo que passou a ser reconhecido como estratégia Chico Mendes. Se a população amazônica possui parte da floresta preservada, deve-se à atitude corajosa diante de jagunços e policiais armados do Acre que tentavam a todo custo impedir a atuação pacífica dos seringueiros.

Chico Mendes ficcional (a narrativa ficcional)

De acordo com Pallotini (2015, p.15) “personagem seria, isso sim, a imitação e, portanto, a recriação dos traços fundamentais de pessoa ou pessoas – traços selecionados pelo poeta segundo seus próprios critérios”.

Assim, para dar vida a uma personagem histórica, alguém que de fato existiu, faz-se necessário uma pesquisa abrangente abordando alguns critérios como por exemplo, saber como essa pessoa viveu, seus costumes, modos e gestos, enfim, rastros históricos, com a finalidade de torná-lo o mais próximo possível da realidade, para que dessa forma, haja uma reconstituição dessa pessoa histórica visto que a personagem ficcional só passa a existir quando é representada por um ator.

O Chico Mendes ficcional, da minissérie *Amazônia - de Galvez a Chico Mendes*, foi construído por meio de pesquisas historiográficas sobre a vida do sindicalista e líder seringueiro. Quanto ao ator escolhido para encarnar essa personalidade histórica, optou-se por alguém que se assemelhasse a ele fisicamente, por isso foi interpretado pelo ator

Cássio Gabus Mendes, que recorda bastante a personagem histórica. Quanto à constituição psicológica da personagem, o ator revelou em entrevista para a jornalista Fábria Oliveira, do Jornal O Globo, em abril de 2007, que estudou algumas peculiaridades acerca de Chico Mendes para construir a sua personagem, buscando traços que permitissem uma interpretação verossímil:

Eu não quis fazer uma caricatura. A intenção não era essa, porque a história e o ambiente são mais fortes do que qualquer caricatura. Evidentemente existe uma semelhança física por causa do cabelo e do bigode. Eu pude identificar um jeito de andar, uma velocidade de falar e seus trejeitos, além de ter engordado, buscando essa semelhança física. (grifo nosso). (JORNAL O GLOBO, 2007)

Representar uma personagem do mundo real é mais difícil do que uma personagem só existente na narrativa ficcional, isto porque, de acordo com Cândido *et al* (2011) “a personagem de ficção cinematográfica, por mais forte que sejam suas raízes na realidade ou em ficções preexistentes, só começa a viver quando encarnada numa pessoa, o ator”. Enquanto que a personagem histórica já existe e é conhecida não necessitando da existência de um ator para isso. Assim, quando um ator interpreta uma personalidade histórica é comum que o telespectador busque traços particulares identificativos da personagem histórica na do mundo ficcional. Por esta razão há toda uma preparação do ator com vistas a representar personagens históricas o mais real possível.

Para representar Chico Mendes, o homem histórico, mais do que a recriação da personagem no campo ficcional fez-se necessário toda uma reconstituição de uma época, a fim de recontar também a história do Acre, a qual se confunde com a trajetória de Chico Mendes, uma história de luta e resistência.

Assim, destacamos aqui, alguns elementos narrativos que foram utilizados com vistas a reconstituição da personagem e sua trajetória histórica. De acordo com Gancho,

Toda narrativa se estrutura sobre cinco elementos, sem os quais ela não existe. Sem os fatos não há história, e quem vive os fatos são as personagens, num determinado tempo e lugar. Mas, para ser prosa de ficção, é necessária a presença do narrador, pois é ele fundamentalmente quem caracteriza a narrativa. (GANCHO, 2006, p. 11)

Quanto aos fatos (enredo): A minissérie *Amazônia*, de Galvez a Chico Mendes (2007), centra-se na história do Acre focalizando três de seus personagens históricos: Luiz Galvez, Plácido de Castro e Chico Mendes. Focaremos em Chico Mendes, que surgirá na minissérie na terceira e última fase, contando com quatro capítulos para retratar a história do sindicalista e líder dos seringueiros.

Personagem: Representando Chico Mendes tivemos o ator Cássio Gabus Mendes, que buscou traços constitutivos do homem histórico com vistas à recriação ficcional do mesmo. Conforme revela em entrevista concedida,

Quando um ator é convidado a interpretar um personagem de ficção, ele precisa criar uma personalidade para o papel, estabelecer todo um repertório de gestos e expressões faciais, definir um jeito de falar etc. E quando o personagem em questão é alguém que existiu de verdade? “Nesse caso, o ator tem menos liberdade de criação. O desafio é outro: moldar-se a uma pessoa pré-existente” (ENTREVISTA AO SITE GLOBO.COM)

Outras personagens históricas que fizeram parte da história do líder dos seringueiros nos são apresentadas tais como: Wilson Pinheiro, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasília, no Acre. Mary Allegretti, antropóloga e amiga de Chico Mendes que acompanhou a sua luta de perto e o ajudou na divulgação de sua causa em defesa da floresta, dentre outros. Porém para contar a história do sindicalista houve a criação de personagens do mundo ficcional, como é o caso do seringueiro Bento que surgiu na primeira fase da minissérie, ainda criança, como um migrante nordestino que chega ao Acre com sua família para fazer a vida nos seringais da Amazônia – na terceira fase ele atua como um amigo bem próximo de Chico Mendes, e participa do movimento orquestrado por este em busca de justiça social.

Tempo: Quanto ao tempo utilizado na narrativa temos o cronológico e psicológico. Tem seu início na década de 80 e remonta um período de agitação social e econômica (final do ciclo da borracha, discussão acerca da reforma agrária, luta em defesa do meio ambiente) na Amazônia e no Acre. O tempo psicológico é representado por meio de flashbacks, que ocorrem sempre que as personagens retrocedem no tempo com vistas a explicar um acontecimento e/ ou rememorar um fato.

Espaço: A narrativa ocorre em diversas cidades tais como: Acre (Rio Branco), no pequeno município de Xapuri (Acre) e em Manaus. Como estratégia de recriação do

espaço, na minissérie temos imagens dos locais representados: Acre, Xapuri e Manaus fundidas com imagens documentais das cidades naquela época.

Relações entre literatura e história

A literatura e a história são campos de conhecimento que dialogam pelo fato de uma utilizar-se da outra com vistas à explicação de algum fenômeno (fato) ou mesmo para fins de entendimento. De acordo com Pesavento,

A história tal como a literatura é uma narrativa que constrói o enredo e desvenda uma trama. A história é uma urdidura discursiva de ações encadeadas que por meio da linguagem e de artifícios retóricos, constrói significados no tempo. [...] Assim, no sistema de representações sociais construídas pelos homens para atribuir significado ao mundo, ao que se dá nome de imaginário, a literatura e a história teriam seu lugar, como formas ou modalidades discursivas que têm sempre como referenciar o real, mesmo que seja para negá-lo, ultrapassá-lo ou transfigurá-lo (PESAVENTO, 2003, p.33).

Assim, habitualmente recorreremos a estas áreas de conhecimento com o objetivo de reproduzir uma realidade. Uma das maiores discussões em torno deste tema é a questão da representação dos fatos retratados por ambas as disciplinas, enquanto a história conta com documentos oficiais que, teoricamente, atestam a veracidade do discurso histórico a literatura não necessita de comprovações para evidenciar os fatos expostos.

De acordo com Grecco (2014, p.40) desde a segunda metade do século XIX, quando a História se tornou disciplina acadêmica, o emprego da palavra fonte estava fundamentado na ideia de que os documentos utilizados pelo historiador deveriam ser oficiais (como atas públicas, relatórios, correspondência diplomática, decretos, entre outros). Já a literatura, por sua vez, dentro dessa perspectiva não era considerada como uma disciplina inferior uma vez que não dispunha de documentos oficiais que pudessem atestar o seu discurso. Dessa forma, a disciplina história era tida como aquela que atestava fatos reais, históricos, e a literatura como subjetiva e ficcional.

A discussão entre essas relações de literatura e história é antiga e advém da antiguidade, quando Platão no livro X da *República* defende a ideia de que “a imitação poética está afastada das realidades supremas, porque a matéria dos poemas são as aparências de um mundo de aparências”. Platão afirma ainda que “o poeta vive no erro e

faz cópia da cópia, a cópia desvirtuada do real” (PLATÃO, 2002, p. 604). Contrariando Platão, Aristóteles assevera que não é encargo do poeta expor a realidade, e sim encenar a possibilidade do acontecimento, do que seria possível, verossímil e necessário. Diz ainda que, “o historiador e o poeta não diferem por escreverem em verso ou prosa (...), diferem sim, em que um diz as coisas que sucederam e o outro as coisas que poderiam suceder” (ARISTÓTELES, 1993, p. 50).

Desse modo, temos duas visões antagônicas acerca das relações entre história e literatura. Enquanto para Platão literatura é imitação e significa distanciamento, falsidade, ilusão, para Aristóteles, imitação é o lugar da verossimilhança, ou seja, da representação de uma realidade.

Para Pesavento (2003, p. 32) “a história e a literatura são formas distintas, porém, próximas, de dizer a realidade e de lhe atribuir/desvelar sentidos”. Para a autora as duas disciplinas, cada uma ao seu modo têm como referência o real “mesmo que seja para negá-lo, ultrapassá-lo ou transfigurá-lo”.

Para Pinto (2006, p.219) “a riqueza dos processos sociais e culturais jamais é revelada plenamente quando utilizamos tão-somente os métodos e recursos de uma determinada disciplina”. Ainda de acordo com o autor,

Muitas vezes foi um romancista e mesmo um poeta que conseguiu penetrar com mais profundidade na trama de processos sociais e espirituais de um momento particular da história humana. E muitas vezes acontece de estarmos diante de momentos da sociedade que não foram investigados por sociólogos, antropólogos ou historiadores simplesmente porque essas ciências ainda não estavam constituídas naquela região ou época, mas que foram agudamente percebidos pelo olhar do viajante, do cronista ou do romancista. Dito de outro modo, há nessas obras elementos suficientes de compreensão e de esclarecimento sobre a sociedade e a cultura daquele espaço e tempo (PINTO 2006, p. 219).

Assim, as relações entre história e literatura são muito tênues uma vez que ambas as disciplinas remontam a um tempo histórico (ou não, no caso da literatura) e o entrecruzamento destas possibilitam uma leitura mais crítica de qualquer texto, uma vez que possibilitam ao leitor compreender, por exemplo, o comportamento da sociedade de uma determinada época e este o fará por meio da literatura daquela época, lembrando

que parte dos documentos ditos históricos foram escritos por cronistas ou viajantes, desse modo a literatura é utilizada como fonte histórica.

Contraposição entre alguns fatos históricos e ficcionais na minissérie *Amazônia, de Galvez a Chico Mendes*

Na minissérie *Amazônia, de Galvez a Chico Mendes* (2007), de Glória Perez, temos vários fatos históricos que foram mesclados com ficcionais, a seguir listamos alguns:

Viagem de Chico Mendes para Miami, onde discursou na reunião do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e pediu o fim do financiamento para construção da BR-364, que atravessaria Rondônia até o Acre.

“Os olhos atentos, carregando uma maleta de plástico azul, Chico Mendes ia praticamente arrastado pelo fluxo de passageiros que acabavam de desembarcar no aeroporto de Miami. [...] Mas Chico não estava em Miami para cumprir a alegre e dispendiosa rotina da maioria dos turistas brasileiros que ali desembarcam.” (SOUZA, 1990, p.19).

Chico Mendes viajou para Miami onde participou da reunião do Banco Interamericano de Desenvolvimento, não como alguém que teria voz para decidir alguma coisa em meio a grandes executivos, mas com o objetivo de se fazer ouvir, já que no Brasil a mídia não lhe dava ouvidos. Com a ajuda de amigos influentes foi a Miami e conforme relata Souza (1990) foi “nos corredores, entre uma reunião e outra, que ele exercitou seu trabalho de convencimento”. Na teledramaturgia temos esse fato representado, porém o sindicalista aparece ao lado do cineasta inglês Adrian, o que na realidade não foi como ocorreu. De toda forma a autora nos mostra um momento interessante de quando o líder seringueiro constata que o mundo desconhecia o que era ser seringueiro, qual seria esse ofício, e compreende que a melhor forma de dar voz à luta dos seringueiros, que, de certa forma, estava interligada à causa ambiental, seria levantando a bandeira da proteção ambiental, como podemos verificar no diálogo apresentando na minissérie entre Chico Mendes e o cineasta inglês Adrian:

Chico Mendes: “- Eu entendi uma coisa, Adrian, aqui também ninguém sabe que existe seringueiro. Ninguém consegue entender o que é um seringueiro”.

Adrian: “-Pode ser duro ouvir isso, Chico. Do ponto de vista econômico o seringueiro é uma categoria do passado, não interessa a ninguém”.

Chico Mendes: “- Entendi. Entendi também que a única maneira de defender o seringueiro é defendendo a floresta” (AMAZÔNIA, 2007, DVD5).

No dia 22 de dezembro de 1988 Chico Mendes é assassinado por Darli e Darci Alves, fazendeiros locais e mandantes do crime.

A noite caía em Xapuri. Estava calor e Chico Mendes tinha passado a tarde jogando dominó com os policiais que o protegiam. Por volta das 17h30min ele se levantou da mesa, pegou uma toalha e disse que ia tomar banho. Como o banheiro ficava no fundo do quintal, ele abriu a porta da cozinha e notou que já estava escuro.

“- Eles podem me pegar fácil, se quiserem” – ainda disse.

Ouviu-se um tiro. Eram 17h35min.

Chico rodou e levou a mão ao peito. Sangrava muito e não mais conseguiu falar. Saiu cambaleando em direção ao quarto [...] desabou no corredor sendo acudido por Ilzamar (SOUZA, 1990, P. 147).

Na teledramaturgia vemos cruzamentos entre história e ficção, já que ao mostrar as cenas do sepultamento do seringueiro são mescladas cenas fictícias e reais, aparecem fotos, vídeos do enterro de Chico Mendes e a carta que este escreveu antes do acontecido é narrada pelo ator Cássio Gabus Mendes, que na ficção viveu Chico Mendes.

Não quero flores no meu enterro, porque sei que elas serão arrancadas da floresta! Quero apenas que meu assassinato sirva para acabar com a impunidade dos jagunços no Acre, que sob a proteção da polícia de 75 pra cá já mataram mais de 50 pessoas como eu, líderes seringueiros, empenhados em defender a Floresta Amazônica e fazer dela um exemplo de que é possível progredir sem destruir. Vou para Xapury ao encontro da morte (MENDES, 1988).

Amazônia, de Galvez a Chico Mendes (2007), de Gloria Perez é uma narrativa ficcional, mas que não perde o tom histórico, uma vez que para recontar a história do Acre por meio de três de seus personagens históricos dentre eles, Chico Mendes, mescla fatos históricos e ficcionais. Temos a trajetória do líder seringueiro recriada e

estruturada com bases em registros históricos demonstrando verossimilhança à medida que personagens e acontecimentos do mundo real são representados.

A minissérie buscou apresentar a narrativa histórica sem, todavia, deixar de apresentar elementos do melodrama que costumam captar a audiência do telespectador, tendo em vista que apesar de ser entretenimento, antes de tudo é um produto que necessita de um público para tenha sucesso. Tivemos a ênfase no romance de Chico Mendes com sua esposa Ilzamar retratado, dentre outros romances ficcionais que permearam a obra.

Assim, com base em rastros históricos, a personagem ficcional foi bem construída e representada pela teledramaturgia, apresentando ao telespectador a história deste líder, conhecido mundialmente, mas ironicamente pouco conhecido no Brasil.

É interessante ressaltar a importância da teledramaturgia representar parte da história de um Estado da região norte do país, uma vez que não é tão comum visto que a maioria das narrativas televisivas estão voltadas para os grandes centros urbanos – sul/sudeste – a trajetória dos seringueiros na Amazônia juntamente com a de Chico Mendes retratada por meio da minissérie é, para muitos brasileiros, a única história que conhecem acerca da exploração de látex e de trabalhadores seringueiros na região norte do país.

Referências

Amazônia, de Galvez a Chico Mendes. Direção Marcos Schechtman. Rio de Janeiro: Globo Marcas, 2007. 7 DVDs.

CANDIDO, Antônio [et AL]. A personagem de ficção. São Paulo: perspectiva, 2011.

ENTRE REALIDADE E FICÇÃO - Atores contam como é interpretar personagens que existiram de verdade. Globo.com. Rio de Janeiro. (Matéria de jornal). Disponível em: <<http://amazonia.globo.com/Series/Amazonia/0,,AA1508657-7991,00.html> > Acesso em 12 de Fev. 2018.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário da Língua portuguesa. 5ª ed. Curitiba: Positivo, 2010.

GANCHO, Cândida Vilares. Elementos da narrativa. In: _____. Como analisar narrativas. São Paulo: Ática, 2002.

GRECCO, Gabriela de Lima. História e literatura: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação. Disponível em: <http://www.historialivre.com/revista_historiador> acesso em: 22/07/2017.

MARTINS, Edilson. Chico Mendes: Um povo da floresta. Rio de Janeiro: Garamond, 1998.

OLIVEIRA, Fábila. Cássio Gabus Mendes entra nesta terça feira em ‘Amazônia’, como Chico Mendes. O Globo. 03 de abril de 2007. Folha Cultura. (Matéria de jornal). Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/cassio-gabus-mendes-entra-nesta-terca-em-amazonia-como-chico-mendes-4204488#ixzz5CHaYVPpQ>> Acesso em: 12 de fevereiro de 2018.

PALLOTTINI, Renata. Dramaturgia de televisão. 2ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2015.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. “O mundo como texto: leituras da história e da literatura”. História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v. 7, n.14, p33, set.2003. <<http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30220/pdf>> acesso em: 22/07/2017.

PINTO, Renan Freitas. Viagem das ideias, Manaus: Editora Valer, 2006.

PLATÃO. República. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 2002. Tradução de Enrico Corvisierien.

SOUZA. Márcio. O Empate contra Chico Mendes. 2.ed. São Paulo: Marco Zero, 1990.